

AS RELAÇÕES DIALÓGICAS NA PRODUÇÃO DE ‘MEMES’ NA *INTERNET*

Claudemir Sousa¹

Resumo: Neste estudo, objetivamos analisar as relações dialógicas que estão na base da produção dos ‘memes’ que circulam na *internet*. Para tanto, desenvolveremos o seguinte percurso: inicialmente, apresentaremos uma discussão sobre a teoria dialógica de Bakhtin e do Círculo, e suas contribuições para o estudo da linguagem; em seguida, abordaremos as noções de enunciado concreto, gêneros do discurso e comunicação verbal; por fim, utilizando uma abordagem qualitativa, de cunho interpretativo, realizaremos a análise de um ‘meme’, a partir de uma postagem do *site* de humor Kibe Loco, mostrando que relações dialógicas a constroem. Concluimos que o ‘meme’ é um gênero típico da comunicação na mídia digital, cuja base de produção se dá em relações dialógicas, que fazem surgir inúmeras réplicas de enunciados.

Palavras-chave: Relações dialógicas. Enunciado. Gêneros do Discurso. Memes.

Abstract: In this article we aim to analyze the dialogical relations that are on the base of the production of memes that circulate on the internet. For this intention, we will develop the following route: at the start, we will present a discussion about the dialogical theory of Bakhtin and the Circle, and its contribution to the study of language; then, we will approach the notions of concrete statement, gender of discourse and verbal communication; at the end, using a qualitative approach, with an interpretative nature, we will make the analysis of a meme, from a post in the humor site Kibe Loco, showing the dialogical relations that build it. We conclude that the meme is a gender typical of the communication on the digital media, which base of production is made in dialogical relations that make appear many replies of statements.

Keywords: Dialogical relations. Statement. Gender of discourse. Memes.

1. Considerações Introdutórias

Até certo tempo, quando se falava em ‘meme’ na *internet*, referia-se a um conjunto de desenhos em preto e branco, caricaturais, que tinham nomes específicos em referência às suas faces: *Trollface*, *Fuck Yeah* e *Serious Face*. Havia também aqueles constituídos de uma frase seguida de um desenho, como o *Forever Alone*, que remetia à

¹Graduado em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Federal do Maranhão; Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB); membro do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI), e do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Discurso do Maranhão (GPELD).

solidão amorosa e o *Forever Scone*, remetendo ao humor. Atualmente, é considerada ‘meme’ aquela postagem, seja em forma de enunciado verbal, não-verbal ou verbo-visual, que se torna um fenômeno e é compartilhada inúmeras vezes.

Este trabalho pretende discutir as relações dialógicas presentes na produção e circulação dos ‘memes’ na *internet*, à luz do pensamento de Bakhtin (1930; 1976; 1981; 2002; 2011). Para tanto, apresentamos uma discussão sobre a perspectiva dialógica de estudo do discurso, abordando os conceitos de enunciado concreto, gêneros do discurso, e comunicação verbal, e, após isso, uma análise de um ‘meme’ produzido pelo *site* de humor Kibe Loco.

Filiamo-nos ao pensamento de Bakhtin (1981, p.91) em virtude de sua contraposição às teses do que ele chama de “subjativismo idealista” (corrente interessada no ato de fala como uma criação individual e na língua como um processo ininterrupto de criação individual, um sistema estável), e do “objetivismo abstrato” (que concebe a língua como um sistema de formas gramaticais normativas, da qual Saussure é o maior representante), nos conduzir a uma terceira via para o estudo da língua: a concepção de que não se utiliza a língua “como um sistema de formas normativas”, uma vez que a realidade fundamental da língua é constituída pela interação verbal, que produz os enunciados concretos.

Nessa concepção, o diálogo é tomado como modelo típico da interação verbal, entendendo-o não apenas como a interação mais imediata, aquela face a face, mas qualquer tipo de comunicação verbal, que possui um vínculo com a realidade concreta, e, assim, engloba atos sociais não-verbais. Por essa razão, Bakhtin (1976) acredita que o discurso na vida não se desvincula da realidade social. Ele nasce e se conecta a uma situação extraverbal.

Pensar o ‘meme’ como um enunciado concreto, tal como esta noção é desenvolvida por Bakhtin (2011), implica em concebê-lo como um gênero típico da comunicação na mídia digital, cuja base de produção ocorre em relações dialógicas, pois sempre que um acontecimento ganha notoriedade e começa a ser propagado na mídia, surgem réplicas diversas de enunciados que fazem referência a ele. São essas relações dialógicas que queremos investigar neste estudo.

2- O dialogismo como princípio basilar da comunicação

A noção de dialogismo é norteadora do pensamento de Bakhtin e do Círculo. Um princípio unificador da sua obra, que “funda não só a concepção bakhtiniana de linguagem como é constitutiva de sua antropologia filosófica” (FIORIN, 2006, p. 18). Esse filósofo pensou essas relações na linguagem partindo do princípio de que a língua é uma manifestação concreta e viva cuja propriedade é ser dialógica, e não um sistema abstrato de signo. Nas palavras do autor:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações* (BAKHTIN, 1981, p. 123, grifos do autor).

Em seu entendimento, as relações dialógicas não se restringem ao diálogo face a face, são inerentes a todas as comunicações, na medida em que as palavras de um sujeito são sempre perpassadas por palavras do outro e sempre também as palavras do outro. Bakhtin (1981) acredita que todo discurso existente sobre um dado objeto está perpassado pelo discurso de outrem sobre esse mesmo objeto, ou tema.

Todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações (BAKHTIN, 2002, p. 86).

Os objetos que existem no mundo se dão a conhecer por meio da linguagem, e não há um só objeto que não tenha sido alvo das apreciações discursivas de outros sujeitos com os quais os nossos discursos dialogam. Isso implica que o discurso alheio, com sua apreciação valorativa, sua entonação, vai estabelecer diálogos com o nosso discurso, ao mesmo tempo em que será um prolongamento seu, e abrirá possibilidades para novos discursos, pois, conforme Bakhtin (2002, p. 86):

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto.

Desse modo, o objeto entra no discurso do sujeito em um jogo de claro-escuro, no qual é iluminado e obscurecido. Novos sentidos, novas entonações e valorações se agregam ao objeto à medida que penetra os discursos dos sujeitos. Por isso, Bakhtin (2002, p. 88) afirma que “a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. (...) o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”.

Além disso, Bakhtin (1930, p. 5) acredita que até mesmo os diálogos mais íntimos são dialógicos, porque “eles são atravessados pelas avaliações de um ouvinte virtual, de um auditório potencial, mesmo se a representação de tal auditório não apareça de forma clara no espírito do locutor”. Os enunciados de um discurso sempre levam em conta o discurso do outro.

Para o autor, somente um Adão mítico poderia esquivar-se a essa orientação dialógica do discurso. Ele acredita que não é apenas na dialogicidade interna nem no discurso alheio que reside esse caráter, pois “todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada” (BAKHTIN, 2002, p. 89). Em todo discurso há, pois, um já dito, o que atesta a sua natureza dialógica. Ao se constituir pelo já dito, o discurso também se orienta para a resposta futura em um diálogo vivo.

Bakhtin (2011) critica os esquemas de comunicação simplistas que retratam os parceiros da comunicação como o falante e o ouvinte, nos quais o primeiro aparece com um papel ativo, enquanto o segundo assume posição passiva, e acredita que o ouvinte, ao perceber e compreender o significado do discurso exerce uma posição ativa e responsiva em relação a ele, e que a compreensão passiva é apenas um momento abstrato da compreensão responsiva. Devido a esse papel ativamente responsivo, todo

sujeito falante constrói seu enunciado a partir de enunciados antecedentes, com os quais estabelece relações múltiplas.

De um modo didático e sem desconsiderar a complexidade desta teoria, Fiorin (2006, p. 30) aponta três conceitos de dialogismo presentes na obra de Bakhtin: “o primeiro conceito de dialogismo diz respeito, pois, ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros”. Esse é o dialogismo constitutivo, que não está evidente na superfície discursiva.

O segundo tipo é aquele em que o enunciador incorpora a voz do outro no enunciado e mostra tal voz no discurso. Para esse autor, há duas maneiras de se inserir o discurso do outro no enunciado: a primeira realiza-se citando abertamente o discurso alheio e separando-o do discurso citante. A segunda realiza-se citando sem que haja separação em relação ao discurso citante. “No primeiro caso, existem, entre outros, os seguintes processos: discurso direto, discurso indireto, aspas, negação. O segundo pode ser exemplificado pela paródia, pela estilização, pela polêmica clara ou velada, pelo discurso indireto livre” (FIORIN, 2006, p. 33).

Consideraremos que os ‘memes’ aqui analisados se constituem por esse segundo tipo de relação dialógica, mais especificamente pela segunda maneira de se inserir a voz do outro no enunciado, mostrando tal voz no discurso, citando sem que haja separação em relação ao discurso citante, por um processo de paródia.

Quanto ao terceiro conceito de dialogismo, Fiorin (2006, p. 55) o formula a partir da relação do sujeito com os outros que o constituem. Para esse autor, “o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação”. Desse modo, são as relações sociais das quais o sujeito participa que o constituem enquanto tal. Seu agir ocorre em relação aos outros, o que não significa que isso ocorra em um assujeitamento, mas também ele não é autônomo em relação à sociedade.

Essas relações dialógicas, afirma o autor, não são, necessariamente, de consenso, podendo ser também de polêmica, de divergência, de convergência, de aceitação ou de recusa, o que faz do enunciado um espaço polêmico de lutas, de tensões entre vozes sociais. Assim, “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem

entre dois enunciados” (FIORIN, 2006, p. 19). Portanto, todo enunciado é dialógico, sendo o dialogismo um modo de funcionamento da linguagem e princípio constitutivo do enunciado, já que este se constitui a partir de outros enunciados como sua réplica.

Há, assim, sempre duas vozes presentes no enunciado, o que atesta a sua heterogeneidade. Se todo enunciado é uma réplica e também abre possibilidades para novos enunciados, no caso dos ‘memes’ não se pode negar essa natureza dialógica que está na base de sua produção e circulação, pois se não houvesse um já dito que possibilita e sua compreensão, não haveria razão na sua intensa e exaustiva circulação.

3- Gêneros do discurso e enunciado em Bakhtin

Uma das grandes contribuições de Bakhtin (2011, p. 269, grifos do autor) é evidenciar que as relações dialógicas, das quais tratamos acima, não são propriedades das unidades da língua, elas ocorrem no enunciado, elemento que ele considera ser a “*unidade real da comunicação discursiva*”. Para Esse autor, o uso da linguagem é inerente às atividades humanas e se realiza por meio de “enunciados concretos e únicos” (*idem*, p. 261), para os quais cada campo da atividade humana elabora seus tipos com características próprias, quais sejam: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Enquanto unidades reais da comunicação discursiva, os enunciados possuem limites que são definidos pela “*alternância dos sujeitos do discurso*” (BAKHTIN, 2011, p. 275, grifos do autor). Os enunciados de um sujeito se iniciam após os enunciados de outros sujeitos e precedem os enunciados responsivos de outros sujeitos. Além disso, esse autor aponta como um dos elementos fundamentais do enunciado a sua conclusibilidade, o que permite afirmar que uma obra inteira, por exemplo, ao servir de réplica de um diálogo, é um elo na cadeia da comunicação discursiva, e, portanto, um enunciado. Nessa concepção, o enunciado não é de natureza estritamente verbal.

A conclusibilidade é um aspecto responsável pela alternância dos sujeitos, e só ocorre quando o sujeito disse tudo aquilo que pretendia em dado momento e o outro sujeito pode responder a ele, ocupando uma posição responsiva. Essa inteireza, a qual

suscita resposta, segundo Bakhtin (2011), é assegurada por três elementos: a exauribilidade de um objeto quando se torna tema do enunciado, a intenção ou vontade discursiva do falante (aquilo que ele quer dizer e que determina a extensão de seu discurso) e a escolha do gênero no qual será construído o enunciado.

Além disso, Bakhtin (2011) aponta para o fato de que o enunciado possui uma relação com o falante, que é seu autor, e os demais participantes da comunicação discursiva. O enunciado sempre procede de alguém e se endereça a alguém. Assim, a alternância dos sujeitos falantes, a conclusibilidade e o autor são características que permitem aos enunciados estarem imersos em relações dialógicas.

Dessa forma, nas palavras de Bakhtin (2011, p. 262, grifos do autor), “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Há uma variedade de gêneros discursivos, que se deve à diversidade de campos de atividades humanas. A cada dia, novas formas de enunciados se desenvolvem. Na era digital, o ‘meme’ surge como uma forma de comunicação típica a essa esfera de utilização da língua(gem), que é a *internet*. Nesse estudo, o “meme” é tomado como um gênero discursivo, enquanto que a *internet*, seguindo a concepção de Marcuschi (2008, p. 186), é um caso-limite entre um suporte textual, que “alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos”, e um serviço em função da atividade comunicativa. Em todo caso, ela é tomada aqui como um suporte para todos os gêneros possíveis.

Marcuschi (2008) considera o *site* um suporte de gêneros textuais, e não um gênero. Assumindo essa concepção, consideramos que o suporte escolhido para veicular o enunciado em análise, cujo objeto é o escândalo de corrupção na Petrobras, é o *site* de humor Kibe Loco, embora em primeira análise pareça ser a rede social *facebook*. Trata-se de um perfil *fake*, ou seja, uma paródia do perfil real. Além disso, o gênero ‘meme’ foi escolhido propositadamente para permear o enunciado por relações dialógicas. Nossa tarefa aqui consiste em identificá-las, descrevê-las e interpretá-las.

4- As relações dialógicas no meme

No Dicionário *Larousse* de francês-português, português-francês (2005, p. 215), a palavra *même* significa “mesmo (mesma)”, indicando, portanto, igualdade. Tal termo é proveniente do grego *mimema*, cuja raiz é a mesma de *mimese*, e significa imitação. Outras acepções podem ser encontradas em uma busca rápida na *internet*. A primeira refere-se à teoria de informações culturais, de Richard Dawkins, que toma o termo de empréstimo pela semelhança com as palavras *gene* e memória, para designar o espalhamento de ideias por processo semelhante às regras genéticas².

Já na atualidade, esse termo é usado para designar o fenômeno que ocorre na *internet* em que um conceito se propaga, em forma de *hiperlink*, vídeo, imagem, *website*, *hashtag*, ou apenas uma palavra ou frase, através das redes sociais, *blogs*, *sites*, *e-mail* ou outros serviços de *web*, ou suportes textuais, nos quais ele se torna um viral, ou seja, vira mania entre as pessoas compartilhá-lo. Ao ser propagado, o ‘meme’ tem a possibilidade de permanecer incólume ou ser modificado. Geralmente há uma efemeridade em sua popularidade. Assim, uma *hashtag*, ou seja, uma palavra-chave que sintetiza um conceito ou ideia que se deseja compartilhar, pode ser o assunto mais comentado hoje e após uma semana não ser mais tendência falar a seu respeito.

Os *sites* de humor, como o Kibe Loco, são os maiores utilizadores dos ‘memes’ como recurso cômico. Nesse *site*, é possível encontrar algumas seções de humor, como as séries de vídeos do *Youtube* “Porta dos fundos” e “Vergonha alheia records”; as postagens “Perfis de *facebook* que gostaríamos de ver por aí”, dentre outras. Da seção de perfis de *facebook*, tomamos como objeto de análise para este trabalho um perfil *fake* da empresa Petróleo Brasileiro S.A (PETROBRAS). Esse *fake* possui um *layout*, que é sua apresentação visual, semelhante ao dos perfis reais dessa rede social, porém, seu teor é uma referência irônica aos escândalos financeiros de desvios de recursos nos quais a empresa esteve envolvida nos últimos meses. Abaixo, apresentamos um recorte desse perfil, e em seguida uma análise para verificar que relações dialógicas podem ser percebidas em sua produção, ancorando-nos em Bakhtin.

² Informações disponíveis em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme> (Internet). Acesso em 13/01/2015

Littera Online

Número 10 - 2015

Departamento de Letras | Universidade Federal do Maranhão

Imagem 1.

Imagem 2.

Imagem 3.

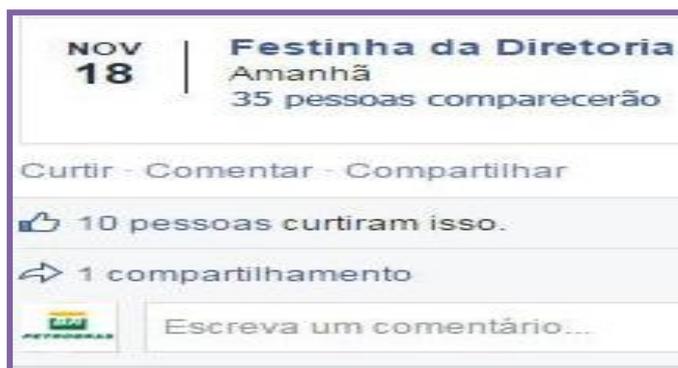
Imagem 4.

Essas quatro imagens são fragmentos da postagem que é apresentada no *site* como uma só³. O recorte é para facilitar a visualização. A compreensão desse enunciado não depende apenas dos elementos verbais, pois ele possui natureza verbal-imagética. Além disso, segundo Bakhtin (1976, p. 4, grifos do autor), todas as nossas avaliações levam em conta mais do que os elementos verbais. “*Juntamente com os fatores verbais,*



elas também abrangem a situação extra-verbal do enunciado”, na qual estão contidos:

“1) o horizonte espacial comum dos interlocutores, 2) o conhecimento e a compreensão



[a/status/](#)



comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua *avaliação comum* dessa situação” (*idem*, p. 5, grifos do autor). O autor denomina esse horizonte espacial de “presumido”, ou seja, aquilo que os sujeitos compartilham sobre a situação e que assegura a compreensão entoacional do enunciado.

São esses elementos que nos possibilitarão compreender e analisar esse ‘meme’. Para Bakhtin (1976, p. 5, grifos do autor) a situação extra-verbal não é exterior ao enunciado como sua causa, ela “*se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação*”. Desse modo, segundo o autor, um enunciado concreto compreende duas partes: uma percebida e outra presumida.

Assim, cada enunciado nas atividades da vida é um entimema social objetivo. Ele é como uma “senha” conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social. A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados (*idem*, p. 6).

Esse horizonte social, o presumido, na visão do autor, pode ser maior ou menor, a depender do tamanho do horizonte global e seu correspondente grupo social. Ele vai se expandir no espaço e no tempo. Por ser um evento social, o enunciado possui uma orientação sempre direcionada a outro sujeito, ainda que este se encontre ausente. Bakhtin (1930) denomina os atores que fazem parte da situação concreta do enunciado de *auditório*, que, juntamente com a situação, formam sua parte extra-verbal. Esta não é expressa, e sim presumida, e sem ela o enunciado não pode ser compreendido. Desse modo, Bakhtin (1930, p. 10, grifos do autor) postula:

Estes três aspectos subentendidos formam a parte extra-verbal do enunciado - a saber, *o espaço e o tempo* do evento, o objeto ou o *tema* do enunciado (aquilo de que se fala), e a posição dos interlocutores diante do fato (a “*avaliação*”); nós convenciamos designar o conjunto assim formado, pelo termo já familiar de *situação*.

Portanto, os ‘memes’, compreendidos como enunciados, possuem um vínculo com a realidade social na qual são construídos. É necessário ligá-los a essa realidade social para que se possa compreendê-los, já que não são apenas um emaranhado verbal a ser decifrado. Eles possuem um autor e também um destinatário. Obviamente que, por fazer parte da rede da *web*, esse auditório é disperso, não é constituído de um interlocutor imediato, nem mesmo apenas por aqueles que comungam com o tema nele contido. Isso assegura que o enunciado seja, de fato, um espaço de tensões e polémicas.

Voltando ao nosso objeto, a imagem 1 traz o perfil da Petrobras aberto na página principal, mostrando suas atualizações na linha do tempo, o *feed* de notícias, com atualizações de seus contatos, suas notificações das ações realizadas em sua conta, ou seja, quem curtiu suas postagens, quais contatos postaram em sua linha do tempo e os eventos nos quais sua presença foi solicitada.

Como dissemos acima, essa postagem é construída por meio do segundo tipo de relações dialógicas das quais nos fala Fiorin (2006), ou seja, a paródia, a ironia e a polémica. Como se sabe, a ironia consiste em dizer o oposto daquilo que se intenciona, e nesse caso, por exemplo, utiliza-se esse recurso para ressignificar algumas funções da rede social em questão, como cutucar alguém, alterar o *status* de relacionamento, postar na linha do tempo, curtir, marcar presença em eventos. Em todas essas ações, há um deslocamento do uso que habitualmente se conhece.

Assim, nessa primeira imagem aparece uma notificação de que a Petrobras foi cutucada pela Polícia Federal. Nessa rede social a função “cutucar” é utilizada quando alguém está interessado em outra pessoa e quer dar indícios disso a ela. Nesse caso, ela é usada para indicar um interesse da Polícia Federal (PF) em esclarecer as suspeitas de corrupção na Petrobras. Há uma referência irônica às ações da PF, que deflagrou uma operação chamada Lava Jato, para investigar um esquema de desvio de verbas dentro da empresa estatal, e, segundo Fiorin (2006), esta é uma forma de dialogismo.

Ainda na imagem 1, encontram-se dois personagens principais desse escândalo. O primeiro deles é Graça Foster, com quem a empresa aparece em um

relacionamento sério. Esse recurso do *facebook* permite identificar com quem alguém está tendo um vínculo amoroso. Aqui, esse relacionamento deve-se ao fato de Foster ter presidido a empresa e ter sido chamada para prestar esclarecimentos, e mesmo assim ela continuou no cargo. Como muitas relações são efêmeras, esse *status* de relacionamento foi atualizado, assim como nos perfis reais se costuma fazer com frequência, indicando também que Foster ocupa um cargo temporário.

Já o segundo personagem é o doleiro Alberto Youssef, que pagou propina a empresas, políticos em campanha eleitoral e agentes públicos, em nome da Petrobras, com dinheiro proveniente de desvios em obras de refinarias. Seu nome se tornou popular após ele ter sido beneficiado com a delação premiada, em que entrega nomes de envolvidos nos esquemas de corrupção em troca de abrandamento da pena. Sua postagem na linha do tempo da Petrobras é uma declaração de amor e de saudades, e também um pedido de desculpas pelos erros cometidos. Como vemos, a ironia é a base para a construção desse enunciado, e ao fazê-lo, são estabelecidas relações dialógicas, necessitando recuperar o presumido para que haja compreensão.

A imagem 2 mostra uma postagem na linha do tempo, feita por alguém identificado como José da Silva, que diz: “fala Petrobras! Passei no posto, vi isso e lembrei de vocês!!!”. O posto e o “isso”, a que o enunciado se refere, é um posto de lavagem de carros a jato. Não é atoa que essa imagem é mobilizada, afinal ela recupera o nome da operação que investiga o esquema de lavagem de dinheiro nessa empresa. Esse é um dos presumidos (BAKHTIN, 1976) que devem ser recuperados para compreender o enunciado. Além disso, há uma notificação de que treze (13) pessoas curtiram essa postagem, o que é uma alusão flagrante ao Partido dos Trabalhadores (PT), que contém um grande número de envolvidos nesse esquema de corrupção, e podem está incluídos no pronome “vocês”, a que a postagem se refere. Ao empregar tal pronome, generaliza-se o sujeito “Petrobras”, a quem a postagem é direcionada.

O nome do autor dessa postagem na linha do tempo da empresa é significativo. Ele é um dos mais comuns no Brasil, porque é o nome de um dos membros da Sagrada Família, segundo a tradição Católica, muito forte em nosso país: José, pai de Jesus Cristo. Por ser um nome comum, assim como o seu sobrenome, Silva,

representa o nome de qualquer brasileiro, além de fazer referência ao ditado popular “Zé ninguém”. Há no Brasil músicas e poemas que reiteram essa ideia, como, por exemplo, o poema “E agora José”, de Carlos Drummond de Andrade, e o “Rap do Silva”, de Bob Rum, cuja letra diz: “Era só mais um Silva/ Que a estrela não brilha/ Ele era funkeiro/ Mas era pai de família”. José da Silva, portanto, são todos os brasileiros, que assistem passivamente aos escândalos envolvendo desvios de verbas públicas.

Para Bakhtin (2002, p. 89), “todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada”. Mas nem sempre o sujeito sabe que seu discurso estabelece diálogos com outros, já que os discursos estão dispersos no meio social, alguns constituindo réplicas de outros enunciados que os precedem. Esses diálogos que a postagem estabelece com todos esses discursos sociais podem ser recuperados no ato de sua análise, mas na sua construção o sujeito nem sempre tem consciência de que mobiliza discursos alheios.

Passemos à análise da imagem 3, na qual aparece um evento programado para o dia 18 (dezoito) de novembro de 2014 (dois mil e catorze) chamado “festinha da diretoria”, em que 35 (trinta e cinco) pessoas confirmaram presença. Trata-se de uma referência irônica ao número de investigados nessa operação até aquele momento, o que confirma nosso argumento de que há uma resignificação das funções da rede social *facebook*, como forma de provocar humor. Além disso, por alguma razão 10 (dez) pessoas curtiram a postagem do evento e 1 (uma) pessoa a compartilhou.

Por fim, na imagem 4, aparece um *link* compartilhado na linha do tempo pela própria empresa, que anuncia a construção de duas refinarias, a Premium I, no Maranhão, e a Premium II, no Ceará, com obras previstas para serem iniciadas em Abril de 2014 (dois mil e catorze). Como as postagens mais atuais são de Novembro de 2014 (dois mil e catorze), e as obras não foram realizadas, esse *link* aparece com um cadeado ao lado, indicando que é uma postagem que somente o dono do perfil pode ver. Isso evidencia que nesse tipo de escândalo, embora a verdade seja conhecida, ela sempre é escondida pelos envolvidos.

Nessa postagem, o ‘meme’ aparece como um gênero discursivo que parodia as funções de um suporte textual, nesse caso o *facebook*. As relações dialógicas aqui

analisadas são construídas por meio da tessitura de inúmeros diálogos com discursos que circulam no meio social, sem que necessariamente o autor esteja a par de todos eles, pois ele não controla o seu discurso. Com isso, constrói-se um jogo entre o percebido e o presumido para estabelecer sentidos e personifica-se a Petrobras, em alguns momentos, para que o efeito de humor seja alcançado.

Considerações finais

Empreendemos neste estudo uma discussão da noção de ‘meme’ à luz da teoria dialógica de Bakhtin e do Circulo, concebendo-o como um enunciado concreto, que possui um vínculo com a realidade social. Sua construção é possibilitada pelos discursos que circulam no meio social. Em nossa análise destacamos os escândalos sobre desvios de verba na Petrobras, que ganharam notoriedade ao serem propagados na mídia, fazendo surgirem réplicas diversas de enunciados que lhes fazem referência.

Na base da produção desses enunciados estão as relações dialógicas construídas por meio da paródia e da ironia. Para que possam ser compreendidas, é necessário, além da parte percebida, recuperar o elemento presumido, que se encontra no contexto extra-verbal, e não apenas na superfície verbal. Mas o elemento extra-verbal não se encontra na exterioridade do enunciado, é sua parte constitutiva. Por isso a mobilização de conhecimentos do mundo é necessário para a compreensão do ‘meme’.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). [1926]. (VOLOSHINOV) *Estrutura do enunciado*. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos. 1930.

_____. *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 2ª.ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GALVEZ, José A. (coordenação editorial). *Dicionário Larousse francês-português, português-francês: míni*. 1ª ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.